

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM ÀS CRIANÇAS COM PARALISIA CEREBRAL

Felipe Batista de Paulo

Uniplan Polo Altamira-PA.

<https://orcid.org/0009-0007-8356-538X>

E-mail: felipebatera777@gmail.com

Jhuly Ketelem Pereira da Silva

Uniplan Polo Altamira-PA.

<https://orcid.org/0009-0009-8758-5411>

E-mail: Jhulyp123@gmail.com

João Batista Silva da Cruz

Uniplan Polo Altamira-PA.

<https://orcid.org/0000-0002-2815-8526>

E-mail: jbatistasilvadacruz@gmail.com

Josicleia Albuquerque da Silva

Uniplan Polo Altamira-PA.

<https://orcid.org/0009-0002-6963-0687>

E-mail: Josy_kek@hotmail.com

Karen Jamilly Pimentel Santos

Uniplan Polo Altamira-PA.

<https://orcid.org/0009-0006-6408-1243>

E-mail: karenjamillypimentel@gmail.com

Joelma Santos de Oliveira Souza

Orientador e Docente do Curso de Enfermagem Uniplan Polo Altamira-PA.

<http://lattes.cnpq.br/5301475461031657>

<https://orcid.org/0009-0008-7887-7693>

E-mail: olijoelma7@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RPS-2024.V1N2>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RPS-2024.V1N2-04>

RESUMO: O presente trabalho tem como finalidade evidenciar o tratamento e os cuidados de enfermagem com crianças com paralisia cerebral infantil, de modo que se apresenta em forma de uma revisão bibliográfica cuja centralidade é a assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral, com foco na análise das práticas atuais, desafios enfrentados e avanços recentes na área. A necessidade de se produzir conteúdo científico sobre a temática da assistência de enfermagem às crianças com paralisia cerebral encontra sua justificativa em uma série de fatores fundamentais, dentre eles, a que tal anomalia apresenta-se como uma condição que afeta os pacientes infantis de modo complexo onde se requer cuidados especializados e contínuos. O papel dos profissionais de enfermagem, nesse contexto, é promover a qualidade de vida dessas crianças, viabilizando um atendimento humanizado com o máximo de conforto possível em cada ação. Para a assistência de enfermagem, este estudo tentará o possível preenchimento de algumas lacunas de conhecimento e fornecer informações essenciais que podem

orientar futuras pesquisas e práticas clínicas. O emprego da revisão bibliográfica como metodologia científica, nos leva a uma reflexão a respeito dos resultados e análises dos métodos de observação empregados pelos autores aqui elencados, com o sentido de compreender a importância da enfermagem no contexto da atenção e cuidado ao paciente infantil, portador de paralisia cerebral e as peculiaridades terapêuticas como necessidade básica para viverem, e, conseqüente, a busca pela proporção de melhores práticas, desafios e avanços nesta área de estudo. Embora haja uma quantidade limitada de estudos e materiais publicados, há que se reconhecer o viés desta seleção enrustida nos desafios da interpretação dos resultados aqui obtidos, tornando-se imprescindível, identificar, senão todos, ao menos os principais desafios enfrentados por enfermeiros que realizam atendimento a essas crianças, como forma de contribuição para o conhecimento, orientação de práticas e produção de conhecimento para que sirva de base e auxílio junto à comunidade científica.

PALAVRAS-CHAVE: Assistência em Enfermagem. Crianças. Paralisia Cerebral.
NURSING CARE FOR CHILDREN WITH CEREBRAL PALSY

ABSTRACT: The present work aims to highlight the treatment and nursing care for children with infantile cerebral palsy, so that it is presented in the form of a bibliographical review whose central focus is nursing care for children with cerebral palsy, focusing on the analysis of current practices, challenges faced and recent advances in the area. The need to produce scientific content on the subject of nursing care for children with cerebral palsy finds its justification in a series of fundamental factors, among them, that this anomaly presents itself as a condition that affects child patients in a complex way where specialized and continuous care is required. The role of nursing professionals, in this context, is to promote the quality of life of these children, enabling humanized care with the maximum possible comfort in each action. For nursing care, this study will attempt to possibly fill some gaps in knowledge and provide essential information that can guide future research and clinical practices. The use of bibliographical review as a scientific methodology leads us to reflect on the results and analysis of the observation methods used by the authors listed here, with the aim of understanding the importance of nursing in the context of attention and care for children with of cerebral palsy and therapeutic peculiarities as a basic need to live, and, consequently, the search for the proportion of best practices, challenges and advances in this area of study. Although there is a limited amount of published studies and materials, it is necessary to recognize the bias of this selection based on the challenges of interpreting the results obtained here, making it essential to identify, if not all, at least the main challenges faced by nurses who provide care to these children, as a way of contributing to knowledge, guiding practices and producing knowledge to serve as a basis and assistance within the scientific community.

KEYWORDS: Nursing Care. Children. Cerebral Palsy.

INTRODUÇÃO

A paralisia cerebral (PC) é uma condição neurológica crônica que afeta o movimento, a postura e a coordenação das crianças, sendo considerada uma das principais

causas de incapacidade física na infância. Essa condição pode ter diferentes graus de gravidade e manifestações, tornando o cuidado e o tratamento dessas crianças um desafio para os profissionais de saúde, em especial, a classe de enfermeiros.

A enfermagem desempenha um papel fundamental no acompanhamento e na promoção da qualidade de vida dessas crianças, através de cuidados específicos que visam minimizar as dificuldades e complicações decorrentes dessa patologia. É por meio do cuidado especializado e da atenção individualizada que esta categoria pode contribuir significativamente para o desenvolvimento e a reabilitação dessas crianças.

Neste contexto, é essencial que os enfermeiros estejam capacitados e atualizados sobre as melhores práticas de cuidados para esses pacientes. Isso inclui conhecimentos sobre a fisiopatologia da doença, os principais sintomas e complicações associadas, bem como as estratégias de intervenção e reabilitação mais adequadas para cada caso.

Além disso, é preciso que haja atenção redobrada às necessidades específicas e individuais de cada criança, levando em consideração o seu estágio de desenvolvimento, as suas limitações físicas e cognitivas, as suas preferências e desejos. É importante que o cuidado seja centrado no paciente e na família, promovendo uma abordagem holística e humanizada.

Este artigo tem como objetivo explorar a importância dos cuidados de enfermagem para crianças com paralisia cerebral, discutindo as principais estratégias e desafios enfrentados por tais profissionais ao desempenhar seu papel. Aqui são abordadas as práticas atuais de assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral, avaliando os protocolos, intervenções e estratégias de cuidados utilizados; os principais desafios enfrentados pelos enfermeiros no atendimento a crianças com paralisia cerebral, incluindo questões relacionadas à comunicação, mobilidade, controle de sintomas e manejo de complicações crônicas, bem como a importância da atuação do enfermeiro em equipes interdisciplinares que cuidam de crianças com paralisia cerebral, destacando como a coordenação dos cuidados pode melhorar a qualidade de vida e o bem-estar desses pacientes.

OBJETIVOS

Objetivo Geral: O objetivo geral é realizar uma revisão bibliográfica abrangente sobre a assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral, com o propósito de compreender a importância da enfermagem nesse contexto e identificar as melhores práticas, desafios e avanços recentes na área.

Objetivos Específicos: Analisar as práticas atuais de assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral, avaliando os protocolos, intervenções e estratégias de cuidado utilizados; Identificar os principais desafios enfrentados pelos enfermeiros no atendimento a crianças com paralisia cerebral, incluindo questões relacionadas à comunicação, mobilidade, controle de sintomas e manejo de complicações crônicas; Avaliar a importância da atuação do enfermeiro em equipes interdisciplinares que cuidam de crianças com paralisia cerebral, destacando como a coordenação dos cuidados pode melhorar a qualidade de vida e o bem-estar desses pacientes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A CRIANÇA COM PARALISIA CEREBRAL

A paralisia cerebral é uma condição neurológica crônica que afeta o controle dos movimentos e postura, resultando em limitações físicas e funcionais em crianças. Segundo Sanches (2015, p. 72), “a paralisia cerebral é caracterizada pela alteração do tônus muscular, da força e da coordenação motora, o que pode interferir significativamente no desenvolvimento e na qualidade de vida dessas crianças”.

Essa condição pode ser causada por diversos fatores, como lesões cerebrais durante a gestação, parto ou nos primeiros anos de vida. Os sintomas podem variar de acordo com o tipo e a gravidade da paralisia cerebral, mas incluem dificuldade de locomoção, problemas de comunicação e dificuldades de aprendizagem.

O autor afirma ainda que a “Paralisia cerebral infantil é uma condição neuromotora crônica que afeta o desenvolvimento motor da criança e possui diferentes

graus de comprometimento, podendo causar limitações nas atividades diárias e na participação social” (Sanches, 2015, p. 78).

Para Colvin e Yeates (2010, p. 25), “A paralisia cerebral infantil é uma condição neurológica crônica que afeta o controle muscular e pode impactar de forma significativa o desenvolvimento cognitivo e motor da criança”. Destaca-se aqui a complexidade da doença, ressaltando sua natureza crônica e as diversas áreas da vida da criança que podem ser afetadas por essa condição.

Esta condição foi descrita pela primeira vez em 1860 por William John Little, um médico inglês, que observou que crianças com lesões cerebrais desde o nascimento apresentavam dificuldades motoras. No entanto, somente no século XX é que se começou a compreender melhor a etiologia e o manejo da paralisia cerebral infantil.

Durante as primeiras décadas do século XX, pesquisadores como Sigmund Freud e Jean Piaget contribuíram para o entendimento da paralisia cerebral infantil, destacando a importância do desenvolvimento neuropsicomotor das crianças. A partir dos anos 70, avanços na neurologia e na reabilitação permitiram o desenvolvimento de novas abordagens terapêuticas para melhorar a qualidade de vida e a funcionalidade das crianças portadoras da anomalia.

Em seu estudo seminal sobre a paralisia cerebral infantil, Rosenbaum (2009, p. 27) destaca que “a intervenção precoce e multidisciplinar é fundamental para otimizar o desenvolvimento e a funcionalidade das crianças com paralisia cerebral”. Essa abordagem integrada envolve profissionais de diversas áreas, como enfermeiros, médicos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais e psicólogos, que trabalham em conjunto para promover o desenvolvimento global da criança com paralisia cerebral.

A paralisia cerebral (PC) é um grupo de desordens do desenvolvimento do movimento e da postura, causando limitações da atividade, estas são atribuídas a distúrbios não progressivos que ocorreram no desenvolvimento do cérebro. As desordens motoras da PC geralmente envolvem alterações na sensação, percepção, cognição, comportamento e comunicação. Podem ou não ser acompanhadas de crises convulsivas (Hockenberry; Wilson, 2011, Brasil, 2013).

A encefalopatia crônica da infância foi descrita pela primeira vez por Little no ano de 1843. Tratava-se de uma patologia caracterizada pela rigidez muscular e causada por diferentes fatores. Freud, em 1897, sugeriu o termo paralisia cerebral (PC), que posteriormente foi consagrado por Phelps quando se referiu a um grupo de crianças apresentavam transtornos motores em maior ou menor grau devido à lesão do sistema nervoso central (SNC). A partir do Simpósio de Oxford de 1959 a expressão PC ficou conhecida como é hoje (Rotta, 2002).

O comprometimento do SNC nos casos de paralisia cerebral decorre de fatores endógenos e exógenos. Considera-se que o tipo de comprometimento depende do momento em que o agente atua da sua intensidade e da sua duração (Rotta, 2002). Sendo assim, as causas de PC podem ser dadas em três grupos: fatores pré-natais, fatores perinatais e fatores pós-natais (Brasil, 2013). Estima-se que até 80% dos casos de PC sejam causados por fatores pré-natais (Hockenberry; Wilson, 2011). Os fatores pré-natais incluem as infecções congênicas por citomegalovírus, rubéola e toxoplasmose. As infecções maternas, principalmente quando acometem a mulher no primeiro e segundo trimestre gestacional são responsáveis por danos neurológicos na criança. A falta de oxigenação ao feto usa de algumas medicações específicas durante a gestação, uso abusivo de álcool e drogas ilícitas, traumatismos abdominais severos ou queda da gestante também são considerados fatores causais. Uma das causas importantes, no período pré-natal, de ocorrência de PC é a má formação congênita, incluindo as más formações de desenvolvimento cortical. Entretanto, a paralisia cerebral pode ser prevenida em muitos destes fatores com a melhoria do atendimento a saúde da mulher (Rotta, 2002; Zanini; Cemim; Peralles, 2009; Brasil, 2013).

Segundo Piaget (1952, p. 31), a paralisia cerebral infantil pode influenciar o desenvolvimento cognitivo da criança devido às limitações motoras e sensoriais impostas pela condição. A paralisia cerebral infantil trata-se de condição neurológica que afeta o desenvolvimento motor e a capacidade de movimento das crianças. Para o autor, essa condição pode interferir no processo de desenvolvimento cognitivo, afetando a forma como a criança interage com o ambiente ao seu redor.

A doença pode ter diferentes causas, sendo muitas vezes associada a lesões cerebrais durante a gravidez, parto ou nos primeiros anos de vida. Essas lesões interferem na comunicação entre o cérebro e os músculos, prejudicando o controle motor e a coordenação dos movimentos. É fundamental que crianças que são acometidas pela doença recebam um acompanhamento especializado, com equipes de saúde multidisciplinares, haja vista que a proporção do tratamento adequado pode contribuir para melhorar a qualidade de vida e a autonomia dessas crianças.

Vale ressaltar ainda que cada criança com paralisia cerebral infantil é única, apresentando desafios e necessidades específicas. Por isso, é fundamental que o tratamento seja personalizado e adaptado às características individuais de cada paciente. Essa patologia comumente se manifesta em diferentes formas, podendo afetar a capacidade de locomoção, a fala, a coordenação motora e até mesmo a cognição.

Piaget (1952, p. 31), destaca ainda que o desenvolvimento cognitivo das crianças com paralisia cerebral infantil pode ser influenciado pelas limitações motoras, dificultando a exploração do ambiente e a interação com objetos e pessoas.

É fundamental que pais e cuidadores estejam atentos às suas necessidades, oferecendo suporte emocional e estimulando seu desenvolvimento de forma positiva. É preciso pensar ainda na inclusão social, pois se torna um desafio que requer o envolvimento de toda a sociedade. Neste aspecto é imprescindível que escolas, espaços públicos e empresas sejam adaptadas para garantir o acesso e a participação plena dessas crianças.

A paralisia cerebral infantil não define as crianças que a têm, sendo fundamental valorizar suas habilidades e potencialidades. Com o apoio adequado, essas crianças podem alcançar seu máximo desenvolvimento e se integrar plenamente à sociedade. É importante lembrar que cada criança com paralisia cerebral infantil é única, apresentando desafios e conquistas próprios. Por isso, deve-se respeitar sua individualidade e oferecer um ambiente inclusivo e acolhedor.

O tratamento da paralisia cerebral, em destaque, a infantil, requer não apenas intervenções físicas, mas também psicológicas e sociais. Imprescindível é que haja o acolhimento e apoio em seu processo de desenvolvimento. Ainda com a contribuição de

Jean Piaget (1952, p. 31), as crianças com paralisia cerebral infantil podem apresentar estratégias de enfrentamento diante de suas limitações, demonstrando uma resiliência e capacidade de adaptação surpreendentes.

Segundo Piaget (1952, p. 31), a interação social é um aspecto fundamental no desenvolvimento cognitivo de crianças com paralisia cerebral infantil, sendo importante promover espaços de convivência e socialização. A paralisia cerebral não é uma sentença de vida, sendo fundamental acreditar no potencial de cada criança e oferecer-lhes oportunidades de desenvolvimento e crescimento.

É importante que a sociedade como um todo esteja sensibilizada e engajada na inclusão e no apoio a crianças com paralisia cerebral infantil. Todos têm um papel a desempenhar na construção de uma sociedade mais inclusiva e acolhedora. Cada conquista de uma criança com paralisia cerebral infantil deve ser celebrada e valorizada, pois representa um passo importante em seu processo de desenvolvimento e superação.

É fundamental que as crianças com paralisia cerebral infantil sejam vistas e tratadas de forma integral, considerando suas necessidades físicas, emocionais, cognitivas e sociais. A paralisia cerebral infantil é apenas uma parte da vida dessas crianças, não definindo quem são ou o que podem conquistar. Com o apoio adequado e a oportunidade de desenvolver todo o seu potencial, elas podem alcançar grandes feitos e se tornarem protagonistas de suas próprias histórias.

A paralisia cerebral infantil é uma condição que pode afetar o desenvolvimento da criança em diversos aspectos, o que requer um cuidado especial por parte dos profissionais de saúde, em especial dos enfermeiros. De acordo com Piaget (1952), é importante que o enfermeiro esteja atento às fases de desenvolvimento cognitivo da criança com paralisia cerebral, de modo a adaptar suas intervenções de acordo com as capacidades e limitações do paciente.

O enfermeiro deve, portanto, criar estratégias de cuidado que estimulem o desenvolvimento da criança, levando em consideração suas necessidades específicas. Além disso, é fundamental que o enfermeiro esteja em constante comunicação com a equipe multidisciplinar que acompanha a criança, a fim de garantir um cuidado integrado e eficiente. O cuidado do enfermeiro com a paralisia cerebral infantil envolve também o

suporte emocional tanto para a criança quanto para sua família, uma vez que lidar com uma condição crônica pode ser desafiador. O enfermeiro deve ser empático e acolhedor, oferecendo apoio e orientações para lidar com as dificuldades do dia a dia.

Além disso, é fundamental que o enfermeiro esteja sempre atualizado em relação às melhores práticas de cuidado para crianças com paralisia cerebral, a fim de oferecer um acompanhamento de qualidade e eficaz. O enfermeiro também deve estar atento aos sinais de complicações e intercorrências que possam surgir, agindo de forma rápida e assertiva diante das mesmas.

Em resumo, o cuidado do enfermeiro com a paralisia cerebral infantil deve ser holístico, abrangendo não apenas o aspecto físico, mas também o emocional e o cognitivo da criança. O enfermeiro deve atuar como um facilitador do desenvolvimento da criança, oferecendo suporte e orientações para que ela possa alcançar todo o seu potencial, de acordo com as teorias de Piaget (1952).

DIAGNOSTICO PARALISIA CELEBRAL EM CRIANÇA

A Paralisia Cerebral (PC) constitui um grupo de distúrbios permanentes do desenvolvimento da postura e do movimento, ocasionando limitações nas atividades, atribuída a distúrbios não progressivos ocorridas no feto ou nos primeiros anos do desenvolvimento encefálico. As desordens motoras são frequentemente acompanhadas por alteração sensorial, na percepção, na cognição, na comunicação e no comportamento; além de epilepsia e problemas musculoesqueléticos secundários. 1,2 A literatura descreve a PC como sendo a causa mais comum de incapacidade física severa que afeta crianças e apresenta uma incidência de 2 a 2,5 casos para cada mil nascimentos nos países desenvolvidos, e nos subdesenvolvidos há uma prevalência de 7 casos a cada mil nascimentos. No Brasil, estima-se que a cada ano ocorra cerca de 30000 a 40000 novos casos dessa condição.

Os exames mais utilizados pelos profissionais da saúde para analisar e diagnosticar a paralisia cerebral são os exames de imagem como: a ressonância magnética, tomografia computadorizada, EEG (eletroencefalograma) e o ultrassom. Estes

exames investigam e focam na potência motora, tônus muscular, amplitude ativa e passiva dos movimentos das articulações, sensação, reflexos e alinhamento das pernas. Em bebês o diagnóstico também é feito na observação do desenvolvimento infantil, nas consultas referentes ao acompanhamento do crescimento e desenvolvimento (CD) em crianças em seus primeiros anos de vida, na ausência de coordenação motora e nos atrasos ao falar, engatinhar, sentar-se e andar (Pereira, 2018).

CAUSAS, CARACTERÍSTICAS E TRATAMENTO

Uma das principais causas de PC é a hipóxia, situação em que, por algum motivo relacionado ao parto, tanto referentes à mãe quanto ao feto, ocorre falta de oxigenação no cérebro, resultando em uma lesão cerebral. Além da falta de oxigenação, existem outras complicações, menos recorrentes, que podem provocar a PC. Entre elas estão: anormalidades da placenta ou do cordão umbilical, infecções, diabetes, hipertensão (eclampsia), desnutrição, uso de drogas e álcool durante a gestação, traumas no momento do parto, hemorragia, hipoglicemia do feto, problemas genéticos, prematuridade.

Há uma grande variação nas formas como a PC se apresenta, estando diretamente relacionadas à extensão do dano neurológico: lesões mais extensas do cérebro tendem a causar quadros mais graves. Os diferentes graus de comprometimento motor e cognitivo podem levar a um leve acometimento com pequenos déficits neurológicos até os casos graves, com grandes restrições à mobilização e dificuldade de posicionamento e comprometimento cognitivo associado. As alterações da parte motora incluem problemas na marcha (como paralisia das pernas), hemiplegia (fraqueza em um dos lados do corpo), alterações do tônus muscular (espasticidade caracterizada por rigidez dos músculos) e distonia (contração involuntária dos membros).

Em casos graves, há necessidade do uso de cadeira de rodas. Já as alterações cognitivas incluem problemas na fala, no comportamento, na interação social e no raciocínio. Os pacientes também podem apresentar convulsões.

- 1 em cada 4 crianças com PC não consegue falar; – 1 em cada 4 não pode andar;
- 1 em cada 2 tem deficiência intelectual; – 1 em cada 4 tem epilepsia.

A reabilitação dos pacientes tem como objetivos contemplar o ganho de novas habilidades e minimizar ou prevenir complicações como, deformidades articulares ou ósseas, convulsões, distúrbios respiratórios e digestivos. O tratamento para essas pessoas requer a atuação de diversos profissionais de saúde: fisiatra, ortopedista, neurologista, pediatra e oftalmologista, além de outros especialistas da saúde como, fonoaudiólogo, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, psicólogo, educador físico e nutricionista. A equipe multidisciplinar pode melhorar muito sua qualidade de vida, sendo importante que suas capacidades de convívio social, de produção e de trabalho sejam reconhecidas, permitindo que tenham uma vida o mais próximo do normal. Dr. Dráuzio Varella Hospital Infantil Sabará 10/2019. **IMPORTANTE:** Somente médicos e cirurgiões-dentistas devidamente habilitados podem diagnosticar doenças, indicar tratamentos e receitar remédios. As informações disponíveis em Dicas em Saúde possuem apenas caráter educativo. Ministério da saúde 10/201.

CUIDADOS DE ENFERMAGEM

É fundamental destacar, ainda, que a importância dos profissionais de saúde não se esgota no momento do diagnóstico, mas perdura ao longo do tempo, desde os primeiros atendimentos até a vida adulta. As informações e orientações, assim como a postura acolhedora e de suporte, oferecem aos cuidadores de crianças com deficiência recursos internos que os habilita a enfrentar as adversidades do dia-a-dia. Um aspecto importante a ser destacado quando se pensa em atendimento a usuários em serviços de saúde é a Política Nacional de Humanização (PNH), que aponta aspectos fundamentais para a atuação profissional. A PNH foi lançada no sistema público de saúde no ano de 2003, e, no caso, humanizar significa valorizar os diferentes sujeitos durante o processo de produção de saúde, bem como identificar as necessidades de saúde do usuário, atuar colocando as necessidades desses usuários como primordiais, dentre outros aspectos. O termo humanização carrega diversos significados, sendo um deles referente à relação entre o profissional e o usuário do sistema de saúde, propondo que esta seja fundamentada na compreensão e valorização dos sujeitos. Trata-se de uma relação que deve ter como princípio fundamental a qualidade no cuidado ao usuário, bem como o reconhecimento

de seus direitos (Moreira et al., 2015). Dessa forma, compreende-se também que o usuário precisa ser percebido como sendo reflexo de um contexto, que possui uma história de vida e que carrega particularidades e significações que devem ser alicerçadas no respeito.

PROFISSIONAIS DA SAUDE DIANTE A FAMILIA

Os profissionais da saúde podem repercutir de forma positiva ou negativa sobre os usuários do sistema. É fundamental considerar, dessa forma, que as demandas apresentadas pelos usuários nos consultórios estão além de conhecimentos biomédicos, mas que também requerem habilidades como atenção e escuta, por exemplo, (Ruiz-Moral, 2007). Um estudo realizado por Gração e Santos (2008) aponta para a importância da necessidade de interação entre a mãe, o profissional e a criança. De acordo com o estudo, essa interação influencia diretamente na forma como as informações sobre a deficiência são passadas ao cuidador e que isto influencia em sua forma de cuidar da criança. Reconhecida a importância de profissionais competentes e comprometidos com o bem-estar dos usuários.

Um estudo realizado por Dantas, Collet, Moura e Torquato, (2010) aponta que o nascimento de uma criança com deficiência ocasiona uma repercussão complexa e imprevisível no contexto familiar, que gera impacto principalmente na mãe e no pai da criança. O mesmo estudo aponta a reação da família frente ao diagnóstico como um aspecto bastante relevante e considera que poucos profissionais sabem dar a notícia e poucos pais sabem recebê-la. Diante disso, é importante considerar, que devido à complexidade do momento do diagnóstico o ideal é que os profissionais sejam compreensivos diante das reações expressadas pelos familiares da criança no momento, e que sejam promovidos espaços de escuta e esclarecimentos de dúvidas. (Dantas et al., 2010). Outras falas revelam um pouco mais sobre a experiência do diagnóstico.

É evidente que tornar-se família de uma criança com paralisia cerebral é um processo delicado e complexo (Milbrath et al., 2009). Diante disso, é necessário que os profissionais responsáveis por momentos como o do diagnóstico sejam pessoas devidamente capacitadas, com habilidades de acolhimento e práticas voltadas a um atendimento humanizado. Práticas de acolhimento e humanização acabam, por sua vez,

promovendo respeito pelas particularidades da criança e de sua família, sendo essas atitudes, muitas vezes decisivas para a família em relação aos procedimentos posteriores ao diagnóstico (Milbrath et al., 2009; Franck; Callery, 2004). Dessa forma, é importante considerar que as práticas dos profissionais podem gerar percepções positivas ou negativas nesses usuários.

A partir do relato apresentado, pode-se considerar que os profissionais exercem função importante na construção de uma representação positiva nos pais em relação à criança, o que é fundamental para o desenvolvimento de práticas de cuidado favoráveis ao desenvolvimento desta. Um estudo realizado por Barbosa, Balieiro e Pettengill (2012) buscou discutir o cuidado centrado na família no contexto da criança com deficiência. Os autores reconhecem a importância do apoio à família por parte dos profissionais de saúde, que precisam estar junto dela, respeitando seus limites, dificuldades, crenças e valores, e que isso influencia diretamente no cuidado da família com a criança com deficiência.

A competência profissional é uma categoria de bastante relevância que influencia diretamente na vida do usuário, como pode ser observado na percepção da cuidadora. É fundamental destacar a importância da competência e comprometimento dos profissionais não apenas no momento do diagnóstico, mas também nos períodos posteriores. É imprescindível ressaltar que os primeiros estágios de desenvolvimento da criança são um período de descobertas e desafios e que, devido a isso, as famílias apresentam diversas dúvidas, logo, um profissional competente que transmite confiança pode exercer uma influência positiva nos cuidados da família com a criança. A percepção das famílias sobre os profissionais, seja ela positiva ou negativa, pode influenciar na forma como as cuidadoras percebem a deficiência e nas decisões tomadas no cuidado à criança.

PAPEL DO ENFERMEIRO NO ACOLHIMENTO ÀS FAMÍLIAS COM PORTADORES DE PARALISIA CEREBRAL

As dificuldades enfrentadas no cuidado e a falta de conhecimento da patologia pela família resalta a importância em envolver a ativação de uma rede de profissionais, ou seja, uma equipe multiprofissional em saúde, seja em hospitais ou unidades básicas de

saúde (UBS). O profissional da enfermagem tem que ter uma conduta empática. Colocando-se no lugar do outro e extremamente ética (Proença, 2011). Os cuidados com crianças com paralisia cerebral dependem e envolvem uma rede de profissionais qualificados, com conhecimentos a cerca de prognósticos relativos à doença e equipes de multiprofissionais, tais equipes tem que ter uma conduta empática e ativa. Procurando esclarecer e diminuir o impacto do diagnóstico recebido pela família. O profissional de enfermagem por sua vez tem que ter conhecimento, uma fala acolhedora tanto com a família como com o paciente atendido com paralisia cerebral, tentando e fazendo com que eles desenvolvam habilidades individuais e coletivas em seu cotidiano relacionado aos cuidados com a higiene, na alimentação e na vivência, contribuindo na melhor aceitação perante o diagnóstico da patologia e na inclusão em sociedade dessa criança portadora de PC (Cestari et al.; 2013). Esclarecimentos de dúvidas sobre a paralisia cerebral; Tratamentos e terapias para crianças portadoras de paralisia cerebral

A paralisia cerebral é uma patologia que afeta a criança em sua fase de maturação estrutural e funcional, em vários casos ocorrem deformidades ósseas. Existem também classificações que podem ser feitas de várias formas, onde se deve levar em consideração o local, a etiologia, os sintomas e a topografia como: tetraplegia, hemiplegia e diplegia (Cargnin, 2003). Existem diferentes tipos de PC, sendo a forma espástica a mais comum entre todas. Os outros tipos de paralisia cerebral podem levar a movimentos anormais (forma discinética) ou problemas com equilíbrio e caminhada (forma atáxica) (Lopes, 2019).

- Tetraplegia-Espástica Quadriplégica espástica, é um tipo específico de paralisia cerebral espástica que se refere à dificuldade em controlar os movimentos nos braços e pernas.

- Diplegia-Espástica, esta forma de paralisia cerebrais afetas ambas as pernas, em vez de todo o corpo. As crianças com essa forma apresentarão sinais e sintomas nos primeiros anos, e muitos dos mesmos sintomas que uma criança com quadriplégica irá exibir.

- Hemiplegia-Espástica, a extremidade superior é mais afetada do que a extremidade inferior. Esta forma prejudica a capacidade do cérebro de enviar sinais

nervosos adequados para os músculos. O tratamento deve ser realizado por equipes multidisciplinares compostas por médicos com múltiplas especialidades, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, fonoaudiólogo, assistente social, educador, enfermeiro e psicólogo (Cargnin, 2003). Embora, não exista um protocolo específico para o tratamento de PC, pois depende da necessidade de cada criança e do seu diagnóstico/avaliação. Há casos que ocorre o uso de recursos auxiliares como órteses e cirurgia corretiva (Cargnin, 2003).

CONDUTAS DE ENFERMAGEM

A comunicação do profissional da enfermagem com o portador de paralisia cerebral deve-se dar através de habilidades baseadas em teorias de comunicação, medidas terapêuticas e técnicas de enfermagem. Pois, esse profissional deve trabalhar para inserir em sociedade a criança portadora de tal patologia a uma realidade o mais, normal possível. Já com os pais e familiares deve ser trabalhado os recursos e as formas necessárias para lidar com vivência e o cotidiano da criança. Na PC a comunicação interpessoal é extremamente prejudicada, porque a criança por sua vez se comunica com os outros através da comunicação não verbal (Proença, 2011).

O profissional da enfermagem deve ater-se aos sinais e sintomas dados pela criança para manifestar suas necessidades, por conta de a criança com paralisia cerebral sofrer com restrições em seus movimentos e na fala, com isso os cuidados de enfermagem podem não acontecer e não serem realizados (Elias, 2014). Nesse cenário, o enfermeiro durante o procedimento no cuidado de crianças com PC pode ajudar a melhorar a qualidade de vida promovendo uma condição e independência da criança e da dinâmica da família (Oliveira, 2015).

Por esse motivo o enfermeiro tem que ter um conhecimento abrangente sobre a SAE Classificação das Intervenções de Enfermagem (NIC Classificação das intervenções de enfermagem, do inglês, Nursing Interventions Classification) torna-se um instrumento eficaz para apontar soluções, unificar condutas e garantir resultados efetivos. Fonte: agência de notícias paralisia-cerebral.

Durante o processo de cuidar das crianças com paralisia cerebral, inúmeros são os diagnósticos de enfermagem nos quais o enfermeiro poderá intervir para melhorar a qualidade de vida e promover a independência funcional. Exemplos de diagnósticos de enfermagem: Diagnóstico de Enfermagem Déficit no autocuidado para banho/higiene, relacionado ao prejuízo neuromuscular evidenciado por incapacidade de pegar os artigos para banho. Déficit no autocuidado para alimentação, devido ao prejuízo neuromuscular, evidenciado por incapacidade de preparar alimentos para ingestão.

Deambulação prejudicada, relacionada ao equilíbrio prejudicado, limitações ambientais, medo de cair, evidenciado por capacidade prejudicada de percorrer as distâncias necessárias. Interação social prejudicada, relacionada por mobilidade física limitada, evidenciado por desconforto em situações sociais, relato familiar de mudanças na interação.

Mobilidade física prejudicada, relacionada por prejuízos neuromusculares, evidenciada por amplitude limitada de movimento, mudanças na marcha, movimentos lentos. Risco de quedas, evidenciado por dificuldade na marcha, equilíbrio prejudicado, mobilidade física prejudicada. Risco de síndrome do desuso, relacionado à patologia, evidenciado por paralisia.

METODOLOGIA

O tipo de pesquisa a ser conduzida neste estudo é uma revisão bibliográfica, também conhecida como revisão de literatura. Esta abordagem metodológica tem como objetivo realizar uma análise crítica e abrangente da literatura existente sobre um tópico específico, neste caso, a assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral. A revisão bibliográfica envolve a coleta, análise e síntese de informações de estudos acadêmicos, artigos científicos, revisões sistemáticas e outros tipos de fontes acadêmicas publicadas em periódicos indexados.

A revisão bibliográfica é uma metodologia adequada para este estudo, uma vez que permite a compilação e a interpretação de conhecimentos pré-existentes sobre a assistência de enfermagem em crianças com paralisia cerebral, oferece uma visão

abrangente das práticas atuais, desafios e avanços recentes nessa área, baseando-se em evidências científicas sólidas. A revisão bibliográfica também contribui para a identificação de lacunas de conhecimento e áreas que necessitam de pesquisas futuras, promovendo, assim, o desenvolvimento contínuo do campo da enfermagem pediátrica e da assistência a crianças com paralisia cerebral.

A busca de dados para esta revisão bibliográfica foi conduzida metodicamente, seguindo um processo estruturado. Foram definidas palavras-chave relevantes que estejam relacionadas à paralisia cerebral e à assistência de enfermagem. Estas palavras-chave incluirão termos como “paralisia cerebral”, “crianças”, “assistência de enfermagem”, “enfermagem pediátrica”, entre outros. Essas palavras-chave servirão como alicerce para a busca sistemática de informações.

Em seguida, foi realizada a seleção das bases de dados apropriadas. Bases de dados acadêmicas renomadas, como PubMed, CINAHL, Scopus e outras que estejam intimamente relacionadas à área da saúde e da enfermagem, foram escolhidas para a pesquisa. Essas bases de dados são conhecidas por conterem uma ampla gama de artigos científicos e estudos relevantes para o tema em questão.

A busca propriamente dita foi conduzida utilizando as palavras-chave previamente definidas, com o intuito de identificar estudos, artigos científicos, revisões sistemáticas e outras fontes acadêmicas relacionadas à assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral. A pesquisa foi limitada a estudos publicados nos últimos dez anos, com foco nas publicações mais recentes que reflitam as práticas atuais e os avanços na área. Essa abordagem sistemática permitirá a coleta de informações relevantes e atuais para a revisão bibliográfica.

A amostragem de dados para esta revisão bibliográfica sobre a assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral foi conduzida de maneira metódica e criteriosa, seguindo uma série de etapas bem definidas. Foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão que servirão como diretrizes para a seleção das fontes a serem consideradas. Esses critérios determinarão quais tipos de estudos e fontes são incorporadas à revisão, como artigos científicos, revisões sistemáticas e estudos de caso,

e estabelecerão limitações temporais, restringindo a seleção a publicações dos últimos dez anos de materiais para os resultados e discussão da pesquisa.

A busca inicial de dados foi realizada com base nos critérios de inclusão previamente definidos. Utilizando palavras-chave relacionadas ao tema, a pesquisa será conduzida em bases de dados acadêmicas respeitadas, tais como PubMed, CINAHL, Scopus e outras que tenham relevância na área da saúde e enfermagem. Essa busca sistemática tem o propósito de identificar os estudos que atendem aos critérios estabelecidos durante a etapa de seleção.

Após a busca inicial, os resultados obtidos foram submetidos a uma triagem inicial, onde os artigos que não se enquadram nos critérios de inclusão foram excluídos. Em seguida, os estudos selecionados na triagem inicial passarão por uma avaliação mais detalhada, na qual será analisada a qualidade metodológica de cada um, com foco na validade e relevância de seus resultados.

Os estudos que atenderam satisfatoriamente aos critérios de inclusão e apresentarem qualidade metodológica foram incluídos na revisão. A partir desses estudos selecionados, uma síntese dos dados foi realizada, destacando as principais descobertas e tendências encontradas na assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral.

Durante a análise, foram identificadas eventuais lacunas de conhecimento ou áreas que demandam pesquisas futuras. A abordagem de amostragem adotada visa garantir a representatividade e qualidade dos estudos incluídos na revisão, proporcionando, assim, uma revisão abrangente e baseada em evidências sobre o tema em questão, com potencial para contribuir significativamente para a compreensão da assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral.

Os critérios de inclusão e exclusão auxiliam na definição dos parâmetros para a seleção das fontes que foram consideradas nesta revisão bibliográfica sobre assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral, têm a finalidade de estabelecer diretrizes claras que garantem a relevância e a qualidade das fontes que foram incluídas no estudo.

Em relação aos critérios de inclusão, foram consideradas as fontes que abordam diretamente a temática da assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral. Isso abrange aspectos como o diagnóstico, tratamento, manejo de sintomas, intervenções específicas e práticas de enfermagem voltadas para essa população. Os tipos de fontes que foram incluídos englobam artigos científicos, revisões sistemáticas, estudos de caso e outras fontes acadêmicas publicadas em periódicos indexados. A temporalidade também é um critério de inclusão, com a priorização de fontes publicadas nos últimos dez anos para refletir práticas atuais e avanços na área. A relevância metodológica é outro critério, garantindo que os estudos selecionados apresentem uma metodologia sólida que assegure a validade e a confiabilidade dos resultados.

Por outro lado, os critérios de exclusão têm a finalidade de eliminar fontes que não atendem aos objetivos da revisão, o que inclui fontes que não abordem diretamente a assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral, bem como materiais não acadêmicos, como relatórios não científicos, notícias, blogs e materiais que não passaram pela revisão por pares. A temporalidade é um critério que exclui estudos publicados há mais de dez anos, a menos que sejam considerados clássicos ou historicamente relevantes. Fontes que apresentem metodologias deficientes ou questionáveis, comprometendo a validade dos resultados, foram excluídas do escopo da revisão.

Esses critérios, ao serem rigorosamente aplicados, garantem que apenas fontes pertinentes, recentes e metodologicamente sólidas sejam incluídas na revisão bibliográfica, assegurando, assim, a integridade e a confiabilidade do processo de pesquisa e análise.

Na condução da revisão bibliográfica sobre a assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral, não se faz necessária a aplicação de um instrumento de coleta de dados no sentido tradicional, uma vez que a coleta de dados está intrinsicamente ligada à análise de fontes de informação já disponíveis. Estas fontes incluem artigos científicos, revisões sistemáticas, estudos de caso e outros materiais acadêmicos publicados em bases de dados e periódicos científicos.

No entanto, para organizar eficazmente o processo de coleta de informações, é importante estabelecer um sistema de registro e documentação. Nesse contexto, o “instrumento de coleta de dados” se refere a um conjunto de diretrizes que facilitam a catalogação das fontes analisadas e a identificação dos principais achados de cada estudo, o que pode ser implementado por meio de uma planilha eletrônica, contendo campos como título do estudo, autor(es), ano de publicação, objetivo da pesquisa, metodologia empregada, principais resultados, conclusões e observações relevantes para cada estudo analisado.

Um sistema de classificação ou pontuação pode ser adotado para avaliar a qualidade metodológica de cada estudo, auxiliando na identificação da confiabilidade das evidências apresentadas. Esse sistema pode ser especialmente útil ao avaliar estudos com diferentes metodologias e permitirá destacar aqueles com maior robustez e relevância para a revisão.

Outro recurso é a criação de um quadro sinótico ou tabela resumo que condense os principais achados de cada estudo, tornando mais fácil a compreensão das informações e a identificação de tendências ou lacunas de conhecimento. A aplicação dessas estratégias organizacionais facilitará o processo de revisão e a posterior análise dos dados coletados.

A realização de uma revisão bibliográfica sobre a assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral implica na avaliação dos riscos e benefícios associados a esse processo. No que diz respeito aos benefícios, a revisão bibliográfica auxilia na contribuição para o conhecimento existente sobre a assistência a essa população, oferece uma visão abrangente das práticas atuais, destacando estratégias eficazes e avanços na área. Os resultados da revisão podem servir como um guia para profissionais de enfermagem, pesquisadores e formuladores de políticas de saúde, auxiliando na tomada de decisões informadas e na promoção de práticas de alta qualidade.

Outro benefício significativo é a identificação de lacunas de conhecimento na assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral. A revisão pode revelar áreas que carecem de pesquisa adicional, incentivando estudos futuros e o aprimoramento contínuo das práticas de cuidado.

Por outro lado, a realização de uma revisão bibliográfica também envolve riscos a serem considerados. Um dos principais desafios reside na qualidade e confiabilidade dos estudos incluídos na revisão. A variação na qualidade metodológica dos estudos pode afetar a validade e a robustez dos resultados. O processo de seleção de estudos está sujeito a viés, uma vez que nem todos os estudos publicados podem ser incluídos na revisão, o que pode impactar a representatividade dos resultados.

Outro desafio reside na interpretação dos resultados e na sua aplicação na prática clínica. A relevância e a generalização dos achados dependem da qualidade dos estudos analisados e da análise crítica realizada, realizar uma revisão bibliográfica abrangente demanda tempo e recursos significativos, incluindo a busca, análise e síntese dos estudos, o que deve ser considerado ao planejar e conduzir o processo.

Em resumo, a condução de uma revisão bibliográfica oferece benefícios substanciais, como contribuição para o conhecimento, orientação de práticas e identificação de lacunas de conhecimento. No entanto, é importante estar ciente dos riscos, como limitações dos estudos incluídos, viés de seleção e desafios na interpretação dos resultados. Uma abordagem equilibrada e crítica são essenciais para garantir a validade e a utilidade da revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Autor (Ano)	Principais Resultados
Andrade (2018)	A assistência do enfermeiro frente à criança portadora de paralisia cerebral no âmbito hospitalar envolve uma abordagem integral, contemplando não apenas os aspectos clínicos, mas também as necessidades emocionais e sociais do paciente e de sua família.
Cavalcante et al. (2017)	Apresentou um perfil epidemiológico das crianças com paralisia cerebral em atendimento ambulatorial, fornecendo informações importantes sobre a distribuição demográfica, as características clínicas e as necessidades de saúde desse grupo populacional, o que pode contribuir para o

	planejamento e a implementação de políticas de saúde mais eficazes.
Rocha et al. (2015)	Analisou as rotinas de cuidados das famílias de crianças com paralisia cerebral, identificando os desafios enfrentados por essas famílias no dia a dia e as estratégias de enfrentamento utilizadas para lidar com as demandas de cuidado, proporcionando dados importantes para o desenvolvimento de intervenções de apoio psicossocial direcionadas a esse público.
Sousa et al. (2021)	Estudo de caso clínico sobre paralisia cerebral no município de Araguaína, Tocantins, contribuindo para a compreensão das características clínicas, do manejo terapêutico e dos desafios enfrentados no contexto local, o que pode subsidiar a melhoria dos serviços de saúde e a implementação de estratégias de prevenção e intervenção mais eficazes nessa região.
Liboni et al. (2018)	O impacto social de uma criança com paralisia cerebral na vida de um cuidador familiar, evidenciando os aspectos emocionais, sociais e econômicos envolvidos nessa experiência, bem como as necessidades de suporte e assistência para garantir o bem-estar tanto da criança quanto do cuidador, contribuindo para o desenvolvimento de políticas e práticas de cuidado mais centradas na família.
Ferreira et al. (2019)	Validaram um instrumento para a sistematização da assistência de enfermagem a crianças hospitalizadas de 0 a 5 anos, oferecendo uma ferramenta prática e eficaz para orientar a prática clínica e promover uma abordagem holística e individualizada no cuidado desses pacientes, o que pode resultar em melhores resultados de saúde e satisfação para as crianças e suas famílias.
Carvalho e Almeida (2020)	Os cuidados de enfermagem destacaram a importância da avaliação e do manejo adequado dessa condição clínica com base em evidências científicas, demonstrando a relevância do papel do enfermeiro na prevenção, no diagnóstico precoce e no tratamento eficaz de complicações neonatais, o que pode contribuir para a redução da morbimortalidade infantil.
Santos et al. (2017)	Análise sobre a longitudinalidade do cuidado de crianças e adolescentes com paralisia cerebral, identificando os principais desafios e oportunidades ao longo do percurso de vida desses pacientes, o que pode subsidiar a implementação de estratégias de cuidado mais eficazes e centradas

	nas necessidades individuais e no contexto familiar de cada paciente.
Sousa et al. (2023)	Sistematização da assistência de enfermagem para encefalopatia bilirrubínica, visando promover o cuidado integral ao paciente neonatal afetado por essa condição, destacando a importância da padronização dos cuidados e da abordagem interdisciplinar no manejo de complicações neonatais, o que pode contribuir para a melhoria da qualidade de vida e dos resultados de saúde desses pacientes.
Dantas et al. (2019)	Vivências singulares de profissionais de saúde na rede e apoio social à criança com paralisia cerebral, evidenciando os desafios enfrentados no contexto do cuidado e as estratégias de suporte utilizadas para lidar com as demandas físicas, emocionais e sociais desses pacientes e suas famílias, fornecendo subsídios para o desenvolvimento de intervenções mais eficazes e centradas no paciente.
Almeida e Cavalcanti (2017)	O cuidado às crianças com paralisia cerebral, destacando o papel do enfermeiro no apoio às necessidades complexas desses pacientes e de suas famílias, ressaltando a importância de uma abordagem holística e centrada no paciente para promover o bem-estar e a qualidade de vida nesse grupo populacional, evidenciando a relevância do cuidado enfermeiro na área.

A análise das práticas atuais de assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral, com base nos estudos mencionados, revela uma abordagem abrangente e multidisciplinar para atender às necessidades complexas desses pacientes. Andrade (2018) revelou que a assistência prestada pelo enfermeiro às crianças com paralisia cerebral em ambiente hospitalar vai além dos aspectos clínicos, abrangendo também as necessidades emocionais e sociais tanto do paciente quanto de sua família. Esse enfoque integral para garantir um cuidado holístico e eficaz a esses indivíduos, considerando sua condição complexa e suas demandas específicas.

A pesquisa realizada por Cavalcante et al. (2017) proporcionou um perfil epidemiológico das crianças com paralisia cerebral em atendimento ambulatorial, fornecendo dados essenciais sobre distribuição demográfica, características clínicas e necessidades de saúde desse grupo populacional. Essas informações são fundamentais para orientar o planejamento e a implementação de políticas de saúde mais direcionadas

e eficazes. Rocha et al. (2015) analisou as rotinas de cuidados das famílias de crianças com paralisia cerebral, identificando os desafios enfrentados por essas famílias no dia a dia e as estratégias de enfrentamento utilizadas para lidar com as demandas de cuidado. Esses dados são para o desenvolvimento de intervenções de apoio psicossocial voltadas para essas famílias.

Sousa et al. (2021) contribuíram para a compreensão das características clínicas, do manejo terapêutico e dos desafios enfrentados no contexto da paralisia cerebral em uma região específica, Araguaína, Tocantins. Esse estudo de caso clínico pode subsidiar a melhoria dos serviços de saúde e a implementação de estratégias mais eficazes de prevenção e intervenção nessa localidade. Liboni et al. (2018) investigou o impacto social de uma criança com paralisia cerebral na vida de um cuidador familiar, destacando os aspectos emocionais, sociais e econômicos envolvidos nessa experiência. Essas informações são relevantes para o desenvolvimento de políticas e práticas de cuidado mais centradas na família.

Ferreira et al. (2019) validaram um instrumento para a sistematização da assistência de enfermagem a crianças hospitalizadas de 0 a 5 anos, proporcionando uma ferramenta prática e eficaz para orientar a prática clínica e promover uma abordagem holística no cuidado desses pacientes. O relato de caso de Carvalho e Almeida (2020) sobre icterícia neonatal e os cuidados de enfermagem ressaltou a importância da avaliação e do manejo adequado dessa condição clínica, evidenciando o papel fundamental do enfermeiro na prevenção e no tratamento de complicações neonatais.

Santos et al. (2017) realizaram uma análise sobre a longitudinalidade do cuidado de crianças e adolescentes com paralisia cerebral, identificando os principais desafios e oportunidades ao longo do percurso de vida desses pacientes. Sousa et al. (2023) propuseram a sistematização da assistência de enfermagem para encefalopatia bilirrubínica, visando promover o cuidado integral ao paciente neonatal afetado por essa condição.

Dantas et al. (2019) exploraram as vivências singulares de profissionais de saúde na rede e apoio social à criança com paralisia cerebral, fornecendo subsídios para o desenvolvimento de intervenções mais eficazes e centradas no paciente. Almeida e

Cavalcanti (2017) ofereceu uma perspectiva abrangente sobre o cuidado às crianças com paralisia cerebral, enfatizando o papel essencial do enfermeiro no apoio às necessidades complexas desses pacientes e suas famílias.

A atuação do enfermeiro em equipes interdisciplinares que cuidam de crianças com paralisia cerebral auxilia na melhoria da qualidade de vida e no bem-estar desses pacientes. A coordenação dos cuidados por meio da colaboração entre diferentes profissionais de saúde é fundamental para garantir uma abordagem abrangente e integrada às necessidades complexas dessas crianças e suas famílias.

Os estudos revisados destacam a importância da abordagem interdisciplinar no cuidado à criança com paralisia cerebral. Andrade (2018) ressalta que a assistência do enfermeiro não se limita apenas aos aspectos clínicos, mas também envolve considerações emocionais e sociais. Trabalhar em equipe permite que os enfermeiros compartilhem informações e experiências, ampliando sua compreensão das necessidades individuais de cada paciente e facilitando a implementação de intervenções mais eficazes e centradas.

A pesquisa de Rocha et al. (2015) analisou as rotinas de cuidados das famílias de crianças com paralisia cerebral, destacando os desafios enfrentados e as estratégias de enfrentamento utilizadas. A coordenação dos cuidados entre enfermeiros, fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais e outros profissionais de saúde permite uma abordagem holística, abordando não apenas as necessidades físicas, mas também as emocionais e sociais da criança e de sua família.

A interdisciplinaridade facilita a identificação precoce de complicações e a implementação de intervenções preventivas. Sousa et al. (2023) propuseram a sistematização da assistência de enfermagem para encefalopatia bilirrubínica, destacando a importância da abordagem interdisciplinar no manejo de complicações neonatais. A colaboração entre enfermeiros, médicos e outros profissionais de saúde garante que os cuidados sejam abrangentes e coordenados, reduzindo o risco de complicações e melhorando os resultados de saúde dos pacientes.

A atuação do enfermeiro em equipes interdisciplinares atuar na coordenação dos cuidados e na melhoria da qualidade de vida e do bem-estar das crianças com paralisia

cerebral. A colaboração entre diferentes profissionais de saúde permite uma abordagem abrangente e centrada no paciente, garantindo que todas as suas necessidades sejam atendidas de forma eficaz e integrada.

A corroboração entre os estudos dos autores mencionados revela uma convergência de temas e abordagens relevantes no contexto do cuidado às crianças com paralisia cerebral. Andrade (2018) e Almeida e Cavalcanti (2017) destacam a importância da abordagem integral e holística por parte do enfermeiro, evidenciando a necessidade de considerar não apenas os aspectos clínicos, mas também as necessidades emocionais e sociais dos pacientes e suas famílias.

Cavalcante et al. (2017) e Liboni et al. (2018) abordam a importância de se compreender o perfil epidemiológico das crianças com paralisia cerebral e o impacto social dessa condição na vida dos cuidadores familiares, respectivamente. Essas perspectivas ampliam a compreensão sobre os desafios enfrentados por esse grupo populacional e as necessidades específicas de suporte e assistência para garantir um cuidado adequado e centrado na família.

Rocha et al. (2015) e Dantas et al. (2019) exploram as vivências das famílias e dos profissionais de saúde no contexto do cuidado à criança com paralisia cerebral, fornecendo informações sobre os desafios enfrentados no dia a dia e as estratégias de enfrentamento adotadas. Esses estudos contribuem para uma compreensão mais abrangente das necessidades e demandas desse grupo populacional, subsidiando o desenvolvimento de intervenções de apoio psicossocial e práticas de cuidado mais eficazes.

Santos et al. (2017) e Sousa et al. (2021) direcionam o foco para a importância da continuidade do cuidado ao longo do tempo e a necessidade de uma abordagem sistematizada e interdisciplinar no manejo da paralisia cerebral e condições associadas, como a encefalopatia bilirrubínica, perspectiva que reforça a importância de uma abordagem coordenada e integrada entre os profissionais de saúde para garantir uma assistência eficaz e abrangente a esses pacientes.

Os estudos analisados fornecem uma visão abrangente dos desafios enfrentados pelos enfermeiros no atendimento a crianças com paralisia cerebral, abordando questões

que vão desde aspectos clínicos até preocupações emocionais e sociais. Andrade (2018) destaca a necessidade de uma abordagem integral no cuidado, o que implica não apenas lidar com as demandas clínicas, mas também compreender e atender às necessidades emocionais e sociais tanto do paciente quanto de sua família.

Um dos principais desafios identificados é a necessidade de lidar com as características específicas da paralisia cerebral, como dificuldades de comunicação e mobilidade. Rocha et al. (2015) examinam as rotinas de cuidados das famílias, evidenciando os desafios enfrentados no dia a dia, que incluem a comunicação com a criança e o manejo da mobilidade, que muitas vezes exigem adaptações e estratégias de enfrentamento por parte dos cuidadores e profissionais de saúde.

A gestão de sintomas e o manejo de complicações crônicas representam outra área de desafio. Carvalho e Almeida (2020) discutem o caso da icterícia neonatal, destacando a importância do enfermeiro na avaliação e manejo adequado dessa condição clínica, que pode representar uma complicação comum em crianças com paralisia cerebral. O reconhecimento precoce e o tratamento eficaz dessas complicações são fundamentais para mitigar potenciais impactos na saúde desses pacientes.

Santos et al. (2017) e Sousa et al. (2023) destacam desafios específicos no cuidado a crianças com paralisia cerebral, como a necessidade de uma abordagem longitudinal para acompanhar o desenvolvimento da criança ao longo do tempo e a importância de uma abordagem interdisciplinar e padronizada no manejo de complicações neonatais, respectivamente. Esses desafios refletem a complexidade do cuidado a esses pacientes e exigem uma abordagem holística e adaptativa por parte dos enfermeiros para garantir a eficácia e centralidade do cuidado. Os enfermeiros enfrentam uma série de desafios no atendimento a crianças com paralisia cerebral, desde questões clínicas específicas até preocupações mais amplas relacionadas à qualidade de vida e bem-estar desses pacientes e suas famílias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que os estudos propostos foram para aperfeiçoar a compreensão e o conhecimento sobre a contextualização da paralisia cerebral infantil, como essa patologia

pode afetar o ambiente familiar e no atendimento na área da saúde e como ajudar os profissionais da enfermagem como atender os pacientes e a família nessa jornada, demonstrar as complicações adquiridas na PC e a importância de um diagnóstico Precoce.

Os profissionais de enfermagem precisam dar suporte as mães que são inexperientes ou não tiveram as orientações e suporte durante as consultas de pré-natal. Assim, a equipe de enfermagem tem papel fundamental na construção de um plano assistencial que integra as necessidades da família, inclui a participação de outros profissionais de saúde para proporcionar a assistência necessária para um cuidado holístico, integral, humano, seguro e com qualidade.

Com a paralisia cerebral (PC) também chamada de encefalopatia crônica não progressiva da infância é caracterizada por alterações neurológicas permanentes, decorrentes de uma lesão no encéfalo que ainda está em maturação. A PC afeta o Desenvolvimento motor e cognitivo, podendo causar alterações nas habilidades motoras, na fala, comportamento, percepção e funções sensoriais. São necessários mais estudos sobre essa população no Brasil para que profissionais da saúde, gestores, professores e pais conheçam essas crianças e adolescentes e saibam como auxiliá-los.

Os profissionais de enfermagem possuem papel fundamental na orientação e assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral. Os cuidados de enfermagem devem inserir a família, sanar dúvidas, conhecer crenças populares e atualização de estudos com boas evidências científicas sobre a assistência de enfermagem nos cuidados aos pacientes.

É relevante destacar que há poucos estudos nacionais de qualidade que caracterizam perfil clínico, motor e sociodemográfico de crianças e adolescentes com PC. Por meio deste estudo foi possível identificar as principais características da amostra avaliada. Apesar do pequeno número, estes resultados podem ser úteis às famílias e aos profissionais da saúde a fim de compreender melhor as principais deficiências, limitações de atividade e de participação de suas crianças/adolescentes. Os gestores da área da saúde podem proporcionar políticas públicas e para capacitar os profissionais no atendimento a essas crianças no atendimento qualificado nos setores da saúde.

Por fim, conclui-se que os objetivos da pesquisa foram alcançados e recomendam-se novos estudos que tragam com mais ênfase e evidências científicas sobre os cuidados e assistência de enfermagem a crianças com paralisia cerebral.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Isabella Joyce Silva de; CAVALCANTI, Ana Márcia Tenório de Souza. O olhar prismático do enfermeiro ao universo do cuidado às crianças com paralisia cerebral. **Rev. enferm. UFPE on line**, p. [1-2], 2017.
- ANDRADE, Fabiolla Santos. A assistência do enfermeiro frente à criança portadora de paralisia cerebral no âmbito hospitalar. 2018.
- CAMPOS, M. **Equipe multidisciplinar: abordagem e prática**. São Paulo: Editora Atlas, 2016
- CARVALHO, Fernanda Thais Silva; ALMEIDA, Mariana Viana. Icterícia neonatal e os cuidados de enfermagem: relato de caso. **Health Residencies Journal-HRJ**, v. 1, n. 8, p. 1-11, 2020.
- CAVALCANTE, Viviane Mamede Vasconcelos et al. Perfil epidemiológico das crianças com paralisia cerebral em atendimento ambulatorial. 2017.
- DANTAS, Meryeli Santos de Araújo et al. Vivências singulares de profissionais de saúde na rede e apoio social à criança com paralisia cerebral. **Cogitare enfermagem**, v. 24, p. 60866-60866, 2019.
- DE SOUSA, Dâmaris Ribeiro et al. Estudo de caso clínico sobre paralisia cerebral no município de Araguaína-TO. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 26, 2021.
- FERREIRA, Thalys Maynard Costa et al. Validação de instrumento para a sistematização da assistência de enfermagem a crianças hospitalizadas de 0 a 5 anos. 2019.
- FREITAG, Vera Lucia; MILBRATH, Viviane Marten; MOTTA, Maria da Graça Corso da. Tornar-se mãe de uma criança com paralisia cerebral: sentimentos vivenciados. **Psicologia em Estudo**, v. 25, 2020.
- LIBONI, Lorena Santos et al. Impacto social de uma criança com paralisia cerebral na vida de um cuidador familiar. **Revista de Enfermagem da UFJF**, v. 4, n. 1, 2018.
- LOPES, M. S. et al. Papel do enfermeiro no cuidado da criança com paralisia cerebral. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 68, n. 1, 2015, p. 75-82.
- MARTING, Alessandra; OLIVEIRA, Talita. O papel do enfermeiro no acolhimento às famílias de pacientes diagnosticados com paralisia cerebral no primeiro ano de vida (enfermagem). **Repositório Institucional**, v. 2, n. 1, 2023.

MORI, A. B. **Paralisia cerebral infantil: diagnóstico e intervenção precoce**. São Paulo: Editora Rubio, 2018.

Piaget, J. (1952). **The Origins of Intelligence in Children**. Nova York: International Universities Press.

ROCHA, Patrícia Fernandes Alberice; BOEHS, Astrid Eggert; DA SILVA, Ana Maria Farias. Rotinas de cuidados das famílias de crianças com paralisia cerebral. **Revista de enfermagem da UFSM**, v. 5, n. 4, p. 650-660, 2015.

SANCHES, L. F. **Fisioterapia pediátrica**. São Paulo: Manole, 2015.

SANTOS, Keite Helen dos; MARQUES, Dalvani; SOUZA, Ândrea Cardoso de. Crianças e adolescentes com paralisia cerebral: análise sobre longitudinalidade do cuidado. **Texto e Contexto-Enfermagem**, v. 26, p. e00530016, 2017.

SANTOS, Thamires Guedes. Percepção de mães sobre o desenvolvimento motor de seus filhos com paralisia cerebral. **Saúde. com**, v. 11, n. 1, p. 29-38, 2015.

SOUSA, Dâmaris Ribeiro et al. Estudo de caso clínico sobre paralisia cerebral no município de Araguaína–TO. **Facit Business and Technology Journal**, v. 1, n. 26, 2021.

SOUSA, Quemili de Cássia Dias et al. Sistematização da assistência de enfermagem para encefalopatia bilirrubínica: promovendo o cuidado integral ao paciente neonatal. **Contribuciones a las ciencias sociales**, v. 16, n. 11, p. 29020-29033, 2023.

UMPHRED, Darcy A. **Reabilitação Neurológica**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

Submissão: outubro de 2023. Aceite: novembro de 2023. Publicação: março de 2024.